

■ Sérgio Abranches

O PMDB, com a maior bancada e liderança forte, tem a chave da governabilidade

75



Vivemos uma crise gravíssima de confiança, de credibilidade na moeda e entenda-se a moeda como metáfora final para as instituições do país. Temos uma crise institucional, pois não há regras estáveis, regras que se obedecem, regras que se possam seguir. O governo imagina que existe uma solução política para a crise econômica, quando não existe. Não é um problema político, é um problema institucional. É um nó da convergência da crise econômico-social com o fato de que não conseguimos construir uma institucionalidade democrática, factível e adequada ao equacionamento da crise geral da sociedade brasileira.

Produziu-se, portanto, um nó institucional. Não adianta, por exemplo, ficar imaginando que exista uma possibilidade de resolver a questão das pressões de prefeitos e governadores por gastos públicos, ou que seja possível escoimar da política brasileira a fisiologia. Em primeiro lugar, a fisiologia é absolutamente intrínseca ao acerto entre o presidencialismo e o federalismo. Se passarmos ao regime parlamentarista, mas continuarmos federativos, não vamos escapar desse problema. É claro que contribuímos para agravá-lo, na medida em que temos eleição praticamente todo ano. O ciclo político-econômico, em outros países, combina anos de austeridade com anos de gastança, mas, aqui, só temos anos de gastança, porque há eleição todo ano.

Para piorar o quadro, o governo já não consegue negociar caso a caso para obter um resultado positivo. Já não se negocia para obter uma decisão. Ao contrário, o objetivo é de impedir o quórum, impedir a decisão. Então, tem-se um processo de bloqueio recíproco. Nem o Congresso consegue passar coisas relevantes, nem o governo consegue. É um blo-

queio louco. O Congresso espelha um pouco o bloqueio da economia. Quer dizer, a sociedade está bloqueada. E cada vez que se frustra uma expectativa, agrava-se o descrédito e a desconfiança.

A nova correlação de forças no Congresso — com o PMDB sob a liderança de Quêrcia — vai acentuar essa tendência ao bloqueio. Na legislatura passada, o PMDB era o maior partido da oposição e o segundo maior da situação. Ele se subdividia, pois dava votos para o governo e dava votos contra o governo. Isso permitia um certo manejo. Agora, não. O PMDB está na oposição, com liderança forte. Portanto, tem a chave da governabilidade, tem a maior bancada, e não há possibilidade de que qualquer acordo do governo com outros partidos promova um desbloqueio. Por outro lado, nenhum partido da oposição está disposto a oferecer ao governo seu apoio para uma saída dessa crise, até porque não há pressão social para isso. Sente-se, na realidade, indisposição da sociedade para cooperar. O raciocínio é simples: "O governo não está fazendo a sua parte, eu não vou fazer a minha."

Nessa situação, o que me preocupa é a possibilidade de que o desbloqueio das decisões se dê com base na idéia de retomada do crescimento. Há o risco de se reduzir o ímpeto de controle da inflação para dar um alívio e conseguir adeptos. Porém, se o governo acenar com a retomada do crescimento, poderá passar à sociedade a impressão de que perdeu o pulso. O risco, agora, é de que qualquer tipo de sinal inadequado do governo possa produzir uma desobediência generalizada e um descongelamento imediato. Isso provocaria uma escalada inflacionária, com graves consequências nas expectativas da sociedade.